

# A ESCOLA PRIMARIA

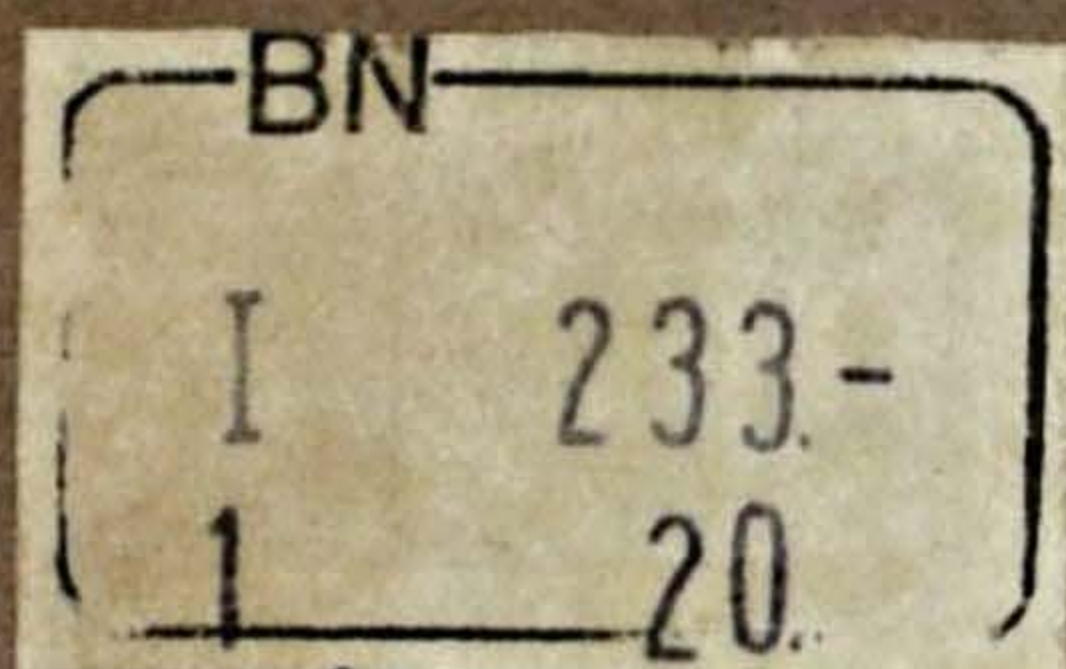
Revista de Educação

## SUMMARIO

—	Vinte annos
<i>João Barbosa de Moraes</i> .....	Coelho Netto
<i>Leonor Posada</i> .....	Uma justa homenagem
<i>Othello Reis</i> .....	O ensino da lingua materna
<i>Pedro A. Pinto</i> .....	Lingua Materna
<i>Mestre Escola</i> .....	Tres Palavrinhas
<i>Depatamento de Educação</i> .....	Os Programmas Minimos

Redacção e Administração

Rua Sete de Setembro, 174



RIO DE JANEIRO

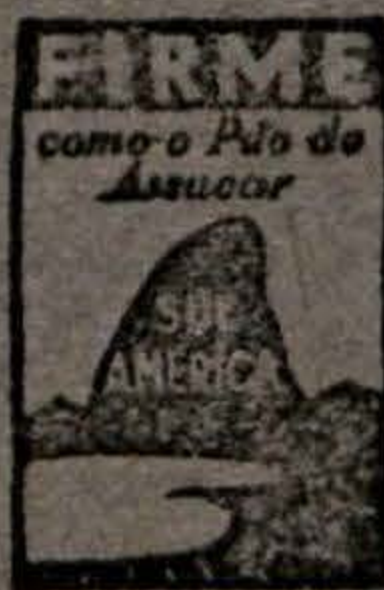
BRASIL



## Um dever dos paes...

**J**A' lhe ocorreu pensar nos apuros de sua esposa si ella tivesse — como viuva e sem os recursos de seu trabalho — de custear os estudos dos filhos?

O Snr. ignora, por completo, tudo que póde acontecer daqui a um ou dois annos. Porque, então, viver acompanhado desse temor que é tão facil de afastar com um seguro de vida? Veja quanto lhe é possivel economizar todos os mezes. Depois escreva-nos para receber informações sobre as condições em que póde fazer um seguro para garantir a protecção e a educação de seus filhos... Faça isto hoje. As nossas informações não lhe acarretam o minime compromisso.



# Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

# A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Director: ALFREDO C. DE F. ALVIM  
Superintendente de Educação Elementar  
REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174  
RIO DE JANEIRO

ASSIGNATURAS:

Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
                  } 6 mezes.... 6\$000

## SUMMARIO

João Barbosa de Moraes	Vinte annos	Pedro A. Pinto	Lingua Materna.
Leonor Posada	Coelho Netto	Mestre Escola	Tres Palavrinhas.
Othello Reis	Uma justa homenagem		Os Programmas Minimos.
	O ensino da lingua materna		

## VINTE ANNOS

Iniciando com o presente numero o vigesimo anno de sua publicação, «A Escola Primaria» não póde deixar passar a ephemeride sem recôrdar com legitimo orgulho a constancia, o zelo, a invariavel dedicacão e lealdade com que tem procurado sêr, neste quarto de seculo, o órgão autorizado das aspirações do professorado, o repositório de sua experiencia e de sua boa vontade a serviço do bem geral.

Nascida sob o confortador bafêjo dos antigos inspectores escolares do Districto Federal, já regularmente longa vai sua vida, modesta mas felizmente util e digna. «A Escola Primaria», mantida desde o inicio por um pugillo de amigos dedicados, tem tido sempre a fortuna de servir aos interesses justos e sagrados da educação nacional e por ella têm falado as mais autorizadas vozes; a ella têm apoiado os mais sinceros entusiastas dos combatentes idealistas da boa causa da cultura do povo.

Seria agora o momento de commemorar os companheiros de jornada que a mão sinistra da morte foi fazendo desertar dos seus postos. Grande magua, porém, para os que ficam, á espera do chamamento fatal. Lembrar alguns nomes seria, ademais, correr o risco de omittir outros, por igual valerosos, e por isso preferimos calar a todos, englobando-os em nossa homenagem de saudades.

Sem ambições desmedidas, sem paixões de momento, «A Escola Primaria» tem procurado ser o que prometteu ser em seu primeiro numero e espera continuar a sua campanha sincera, substituido por um novo cada companheiro que tomba, com o mesmo espirito e o mesmo zelo. Continuará a trabalhar, animada pela benevola protecção do professorado que o tem sabido distinguir com sua generosidade, lutando pelos mesmos ideais em cujo nome se congregaram ha mais de vinte annos seus fundadores.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção: Rua Sete 7 de Setembro, 174

# COELHO NETTO

## PATRONO DE UMA ESCOLA MUNICIPAL

«O povo não folheia alfarrabios, não tem tempo para esmerilhar assumptos—aprende a historia ao sol, nas ruas. Não a decora: sentea-a.

E' necessario dar-lhe em documentos e em festas, estabelecendo, assim, pela imagem e pelas commemorações o culto da tradição, essa força das raças.

O exemplo vale tanto como as regras, senão mais.

A tradição é a poesia da historia.

Povo sem tradição é como arvore sem raiz».

(Discurso em 20—1—1910).

Estas palavras, pronunciadas por Coelho Netto na cerimônia, com que, em 1910, se celebrava a fundação da Cidade, vieram-nos á lembrança, ao ler um dos ultimos numeros da «Escola Primaria» onde conceituado professor, semi-oculto pelas iniciais N. C., reclamava fosse o nome do grande Mestre tomado para patrono de uma escola municipal.

Desnecessario parece encarecer a proposta, nem meio mais acertado se poderia encontrar para perpetuar, na memória do povo, o nome desse brasileiro que, iniludivelmente, bem digno se tornou de tal consagração.

Filho do Maranhão que tem fornecido ás letras nacionaes os mais illustres representantes, Coelho Netto deixou uma obra que, por sua quantidade e qualidade, seria padrão de gloria para Literatura de qualquer paiz onde, com carinho, fossem cultuados os verdadeiros expoentes da sua intellectualidade.

Embora tivesse atravessado toda a existência votado ás letras, os grandes acontecimentos que viu realizados na sua Patria, tiveram-no, sempre, não entre os circunstantes indiferentes ou adesistas aproveitadores, mas agindo, neles tomando parte com entusiasmo e desprendimento.

Pugnando pela Abolição, ao lado de Patrocínio, na «Cidade do Rio», participante da «Boêmia Dourada», após realizada a «Conquista», á imitação dos Celtas

(foi elle quem o disse) foi o «ollan» que veio contar aos que surgiam os feitos da «Caravana», «A Conquista» e o «Fogo Fátuo» ai estão, através da sua prosa maravilhosa, da sua narrativa viva, como a crônica dessa campanha gloriosa, nascida apenas da generosidade do nosso povo.

Quando a Republica veio abrir ao Brasil novos rumos, Coelho Netto encontrava-se no movimento e é ele quem lembra a sua atuação nesses dois fatos magnos da nossa História, em pagina de memoria lida por ocasião do 70º aniversario do Colegio de Pedro II:

«A Treva.

Pobre treva humana! Noite dolorosa fecunda que orvalhou de lágrimas os nossos campos ainda húmidos do sangue do selvagem.

Dissipou-se, uma manhã, ao som de cânticos, esse negror de vilipêndio e crueza. Eu estava de pé, nessa hora sobre todas fúlgida e sublime.

Outra veio. Toda a Patria iluminou-se ao clarão estupendo. Eu fui dos primeiros que saudaram o sol nesse dealbar».

Durante a administração do Governador Portela, no Estado do Rio, foi secretário do governo e dirigiu os negocios de Justiça e Legislação. Decaido Deodoro, foi afastado do Estado do Rio o Governador Portela que, para seus auxiliares, além de Coelho Netto, chamara Aluizio Azevedo, Bilac e Pardal Mallet.

«Rejubilaram os que viam, de olhos vesgos, a burocracia inçada de literatos.

Aforçuraram-se renhidamente em devassas, numa coscuvilhagem esmiuçadora. E foi com verdadeiro desapontamento que os acirrados furões retrocederam da rebusca, sem miga para alimento da calúnia—lembra Netto no «Fogo Fátuo».

Retirando-se para a fazenda do sogro em Barra do Pirai, «a ler a escrever, ou a queimar cartuchos na mata, logo depois regressou saudosamente da georgica e, por sua vez, foi pedir ao jornal e ao livro o necessário á mantença do seu pequenino lar de ventura.

Construia-o como os passaros entrete-

cem os ninhos: achega a achega. E cada vez que adquiria alguma cousa de gosto: um movel ou objecto artistico era uma alegria festiva na casa iluminada pelo mais lindo dos sorrisos»: (Fogo Fátuo).

Foi nesse lar feliz, ao lado do esposa muito amada, D. Gaby, que o escritor encontrou os dias de maior glória e maior ventura, produzindo obra de tal vulto que na linguagem portugueza, só tem similitude, na produção brilhante e vasta de Camillo.

Colaborando em quasi todos os jornaes, do Rio, dos Estados e mesmo do estrangeiro, foi ainda lente da Escola de Belas Artes de Campinas e professor de Literatura do Externato do Ginasio Nacional (Colégio Pedro II), onde suas aulas deixaram renome, pelo brilho e entusiasmo com que eram expostas.

Foi um dos fundadores da Academia Brasileira e creador da cadeira Alvares de Azevedo e, ai, representou sempre papel proeminente, dedicando-lhe o melhor dos seus esforços e do seu talento, já como presidente, já como um dos mais efficientes membros da «Comissão do Dicionário», já como recipiendário de novos membros, quando teve ocasião de pronunciar discursos magistraes, tais aqueles com que recebeu Mário de Alencar, Paulo Barreto e Osório Duque Estrada.

Quando se fundou a Escola Dramática, foi-lhe entregue sua direção e o magistério da cadeira de História e Literatura do Teatro, buscando sempre, com desmarcada abnegação, elevar o nivel da nossa literatura dramática, tornar em realidade um sonho que o animou toda a vida—o engrandecimento do teatro nacional—esperando ainda ver «repontar á flor do palco o novedio da flora intellectual que esmarriu desprezada e quasi pereceu sob o gelo da indiferença e espesinhada pelos sátiros caprissaltantes». (Discurso na inauguração da Escola Dramática).

Chamado para representar o Maranhão na Câmara dos Deputados, dignificando-se, por essa forma, quem buscava manter elevadas as tradições da «Atenas Brasileira», foram sua preocupação máxima, durante o mandato, conforme declarara—«O culto da Arte e o exaltado amor da Patria». (Discurso na Câmara em 29 7-1909).

Dentre as magnas questões de que tratou, sempre em orações primorosas, al-

gumas, pelo interesse despertado, empolgando a alma popular, logo após, foram sendo resolvidas, tais como a letra do Hino Nacional, a trasladação dos corpos dos ultimos imperantes e de Joaquim Nabuco, o Teatro Municipal e o novo edificio da Câmara dos Deputados, enquanto outras, como a devastação das floresta e o abandono da terra—continuam a ser assuntos de continuados estudos e preocupações.

A politicalha, entretanto, após duas legislaturas, não quiz conservar no parlamento nacional, essa grande mentalidade e, embora Netto se empenhasse, ele próprio, na propaganda de sua candidatura, propaganda que, apesar de curta, foi uma verdadeira apoteose, conseguindo mesmo, máo grado a pressão official, a vitória na capital do Estado, não foi reconduzido á Câmara dos Deputados.

Apezar disso, não se lhe entibiou o ânimo e continuou firme no culto da Arte e da Patria, sendo sua casa da rua do Roso, hoje Coelho Netto, centro de elevada cultura, onde, ao lado da esposa e dos filhos queridos, dava o exemplo de inextinguível fé na grandeza de sua terra e na de sua gente.

Assim, de novo, se empenhou em grandes campanhas pela defesa nacional, de cuja Liga foi um dos fundadores, pela situação do Brasil ao lado dos Alliados, pelo desenvolvimento do escotismo como escola de força, moral e civismo, pela melhoria do Teatro Nacional, pela alfabetização do povo, pelo culto dos grandes vultos da História Patria, pelo respeito á belleza ao ncsso idioma, pela prática dos exercicios fisicos para aquisição de «robustez, saude, disciplina, solidariedade, coragem e amor ao pavilhão do clube que é como uma folha da arvore cuja fronde é a bandeira nacional».

(Discurso ao 1º team do Fluminense F. Clube em 9-7-1918).

Nessa ultima campanha deu exemplo de notavel energia quando, ao ver, vitimado por acidente ocorrido em prêlio desportivo, a morte arrebatá-lhe o primogênito, Emmanuel, enchendo-lhe a alma de sofrimentos e saudade que extravasou nas paginas delicadissimas desse poema doloroso do mais santificante amor paterno—«Mano»—não se deixou alquebrar, continuando a mesma prêgação pela educação da força e

da beleza, jámais deixando de emprestar seu auxilio valioso á instituição atlética onde o filho «se fizera desde pequenino, brincando naquele campo, nele crescendo em força e garbo. (Mano).

Quando faleceu, em 28 de Novembro de 1934, apesar de bastante doente desde muito, ainda colaborava em jornaes e trabalhava pelas letras, honrando o titulo justissimo que lhe fora concedido, em memoravel concurso, de Príncipe dos Prosadores Brasileiros.

De fato, em nossa Literatura, nenhum outro fez jus a tão illustre principado como e escritor maranhense, autor de produção grandiosa pelo número de obras, variedade de assuntos, poder de imaginação, brilho de forma, pujança de expressão, opulência de vocabulário.

No romance, com a «Tormenta» e o «Inverno em Flor», estudou, bem cedo, estados mórbidos da alma humana que, hoje em dia, com as novas doutrinas psicologicas, agitam os que se dedicam a essas questões; em «Miragem» e «O Morto» focalizou épocas conturbadas da nossa História; em «Rei Negro», dentro de realismo forte, fez a descrição da vida das fazendas, com as suas misérias e horrores; em «Turbilhão» e no «Polvo» analisou aspectos bem variados de nossa sociedade.

No conto, em que era considerado inimitavel, foi das pastorais biblicas da «Seara de Rute» aos poemets em prosa das «Rapsodias e Baladilhas»; das fantasias de «Romanceiro» e «Fabulário» aos cenários e tipos tão nossos da «Água de Juventude».

Nos contos dialogados, além de «Jardim das Oliveiras» uma das coleções mais primorosas que produziu, citam-se os livros «Scenas e Perfis» «Vida Mundana», «Conversas», etc. animada galeria de tipos colhidos, com grande acerto na nossa tumultuosa vida quotidiana.

Revelando, como sempre, o maior interesse pelas cousas nossas, foi, no regionalismo, o mesmo artista caprichoso e produziu «Sertão», «Banzo» e «Trevã» obras cnde, a par do romancista fecundo, aparece o amante apaixonado da sua terra, cujas florestas cerradas e rios caudalosos, veigas floridas e montanhas altaneiras encontram, na sua prosa altissonante e soberba, a paleta mirifica capaz de pintar a nossa natu-

reza com todos os seus matizes. São desses livros alguns dos seus contos e novelas mais celebradas como «Prága», «Os Velhos», de «Sertão»; «Senhor Bom Jesus da Mata», de «Trevã», e «Banzo» do livro do mesmo nome.

Nas obras de méra fantasia — «O Paraíso», «Misterio do Natal», «As 7 Dores de Nossa Senhora» «Imortalidade», «Rei Fantasma, etc., — o grande prosador não se diminui, expondo os surtos agigantados de sua imaginação e, como cronista, afóra milhares de crônicas de jornais nas quais tece o comentário ao fato do dia com a proficiência costumeira, colecionadas nos livros «A Bico de Pena», «Frutos do Tempo», «Fréchas», «Vérsas», «O Meu Dia», «Bazar», «As Quintas» e outros, é na personalidade de Anselmo Ribas, o minucioso narrador de curiosos episodios do Rio do fim do Império na «A Capital Federal», da Campanha Abolicionista na «Conquista» e da vida agitada de Paula Ney no «Fogo Fátuo».

Poder-se-ia dele dizer também o que afirmara, ao citar a obra vultosa de José de Alencar, que «no theatro» é visto «o seu braço suspenso entre colgaduras», e que «a tribuna ainda atroa o eco fremente da sua palavra».

Trabalhador indefesso pelo soerguimento do nosso theatro, foi autor de inumeras peças que, á luz da ribalta, foram cumuladas de aplausos onde quer que fos, sem levadas á cena, tais como «Quebranto», «O Dinheiro», «O Desastre», «Pelo Amor», «Hostia», «Nuvem», «Fim de Raça» e tantas outras.

Na tribuna das conferencias, onde só foi igualado por Bilac e Medeiros, proferiu palestras bellissimas como «O Fogo», «A Caridade», «O Espelho», «A Palavra», «Euclides da Cunha», «Escotismo» e «Bandeirismo» (pronunciada sem que a houvesse escrito previamente) e, além de muitas outras, «A Antiga Cidade», a mais completa sntese que já se fez dos usos e costumes do Rio de Janeiro que desapareceu, para que, em seu lugar, surgisse uma cidade grandiosa e moderna. Nessa conferencia famosa, Netto, cheio de saudade, descreve tudo quanto viu nela, ainda «Borradeira esfarrapada e descalça, as mãosinhas tismadas e, nas faces, encobrendo as rosas, manchas de carvão», para depois

declarar que o que ama da cidade antiga são «os dias suaves da meninice, floridos de sonhos que se desfolharam» e que «embora a saudade o reconduza ao passado» quer «a luz do sol, a vida, a agitação» seguindo-a «na marcha em que vão todos, até tropeçar na cova que o espera».

Como orador legou obra que, por si só, faria uma glória. Seus discursos tinham sempre cuidadoso acabamento, desusado esmero na composição, expondo os mais dignificantes conceitos e arrebatando com as mais impressionantes imagens. Alguns são verdadeiras joias literárias onde não se sabe o que mais se deva apreciar, se o apuro da expressão, se o fulgor da eloquência. Deles alguns se tornaram famosos como os de paraninfo de novos acadêmicos, o de recepção aos novos alunos da Escola Naval, o que proferiu por ocasião do aniversário do Rei Alberto, o adeus a Olavo Bilac, no centenario do «Fico», saudando Ruy Barbosa no seu jubileu, comemorando a batalha do Iser e tantos outros, dificeis de distinguir por sua beleza sempre nova.

Se tudo quanto foi assinalado não fosse mais do que bastante para justificar se desse o nome de Coelho Netto a uma escola que ele chamou «asilio purificador das almas», ha ainda a sua dedicação pela instrução, quer como professor, quer como venerador da lingua pátria, reclamando numa de suas crônicas (Cultura d'Almas — Fréchas) que «o ensino da lingua seja professado por brasileiro ou português naturalizado para que a lingua que é um dos elementos fundamentais da nacionalidade, expressão eloquente, característica da raça, não seja transmitida ao aluno com vícios que a desnaturem»; quer ainda em combate á «ignorância, escravidão criminosa e degradante em que a maioria dos brasileiros vive para gáudio dos que os exploram» (Fréchas); quer, finalmente, produzindo trabalhos de acentuado valor pedagógico, como «Contos Patrios» (tão queridos dos alunos) «Pátria Brasileira» e «Teatro Infantil», todos de parceria com Olavo Bilac, e mais ainda «Apólogos», «Alma», «Compêndio de Literatura Brasileira», «Breviário Civico» e «Mandamentos Civicos». estes últimos constituindo verdadeiros repositórios de ensinamentos de moral e civismo.

Por toda a sua obra perpassa um sopro divino de elevada imaginação dentro de estilo nervoso e fulgurante, numa infinita idolatria pela perfeição da forma, sem que jámais deixasse de cumprir aquela profissão de fé exarada na primeira página de um dos seus primeiros livros — Rhapsodias: — «Por ela o meu sangue, toda min'halma para resguarda-la: é o meu amor, é o meu idolo, é o meu ideal — a Forma».

Variando magnificamente de assuntos, deixando-se arrastar pelos mais diferentes temas — biblicos, mitológicos, faraônicos, helênicos, romanos, gaulezes, escandinavos, germânicos, hindús — até os dos nossos dias, em todos os seus aspectos, na cidade, ou no sertão, na praia ou na montanha, no paço ou na cabana; refletindo influencias as mais diversas — do conto de Maupassant ao romance psicológico de Bourget, do naturalismo de Flaubert ao realismo vigoroso de Zola, da suntuosidade estilística de Paul de S. Victor ao ceticismo irônico de Anatole, de Shakspeare a Hugo, de Camilo e Fialho a Eça de Queiroz e Machado de Assis, das epopéas antigas aos Niebelungen, das Mil e Uma Noites á Biblia, buscou para as suas composições todos os recursos de linguagem empolgante e suntuária, rebuscando termos próprios, com o carinho e capricho de um lapidário que, para a confecção de joias primorosas catasse as mais caras e cintilantes gemas. Daí a sua linguagem elevada mas apropriada, muitas vezes difícil mas perfeita, quasi sempre trabalhada mas senhora de ritmo sem igual, de flexibilidade graciosa e de energia forte.

Incompreendido nesse amor pela palavra que tocava as raias do mais acrisolado culto, não faltaram criticos que o atacassem, acusando-o de, sob os europeis das roupagens, deformar as personagens de seus dramas.

Em varias ocasiões defendeu-se com êxito, como, quando produziu a celebre conferencia «A Palavra», dizendo, ao terminal-a: — «Ab! sim palavras, palavras que são nada e que são tudo, palavras que se fazem o mal, também fazem o bem — a vida e são verdadeiras hostias da comunidade universal, nas quaes se concentra o Espirito Eterno».

Car le mot c'est le Verbe et le Verbe c'est Dieu.

Na prática de ato nobre de justiça e gratidão, assim que a morte paralizou aquela mão que compuzera para a Literatura da sua pátria mais de uma centena de obras de tanta valia, mal se calara para sempre a voz que pronunciara, em defesa de tantas ações nobilitantes, as mais formosas orações, deveriam os poderes públicos buscar conservar a lembrança de semelhante personalidade na memória do povo, mantendo o culto cívico de quem, afóra outros muitos méritos, fôra em sua terra, com toda a justiça, julgado o príncipe dos seus prosadores.

«E' necessário», disse ele, «dar ao povo o culto da tradição, o conhecimento dos grandes homens, na rua, em documentos e festas, pela imagem e pelas romemorações e povo sem tradição é como arvore sem raiz».

Entretanto, morto ha menos de dous annos, que se fez até hoje por sua memoria?

Que se buscou fazer para que perdesse na alma do povo a lembrança de tão grande vulgo da Patria?

Parece que Coelho Netto antevira o abandono em que se deixaria o seu nome, quando, num protesto prévio, referindo-se, na Câmara dos Deputados, a Joaquim Nabuco, teve palavras que aqui devem ser citadas, porque mais dolorosas se tornam por se verificar como se ajustam, perfeitamente, a quem as proferiu.

«Neste paiz de claridade ofuscante o crepúsculo desce de improvviso...»

Não ha a doce transição do esmaecer da luz—o sol abeira-se do ocaso e transmonta de um salto.

Este fenómeno é próprio das regiões tropicais, e, como se dá na natureza, reflete-se nas almas.

Tanto que vive um homem de génio, tudo é festa em torno dele... morre, ainda o cadaver não esfriou de todo e já a indiferença desce como sombra noturna sobre a memória dos que mais o enaltecera.

Aqui o esquecimento vem... com a mesma pressa com que vem o crepúsculo.

Ainda as hervas não reverdecera a cova e já nas almas a indiferença escureceu a lembrança. Não queiramos dar pro-

va de indiferença—ha inércias que deslustram.

Povo infante, não pareçamos lerdos como decrepitos, nem se diga que saímos do berço já vergados para o túmulo, sem a virtude que faz as nações heroicas, que é o entusiasmo que se manifesta em bravura, que se traduz em afeto, em amor em suma».

Triste profecia!

Urge, porém, reajamos imeddiatamente contra essa apatia. Firmemos as raizes da nossa nacionalidade, no culto da tradição, na veneração dos grandes homens, na recordação perene das altas ações, para exemplo dos vindouros, na prática constante da educação cívica tão descurada entre nós.

E onde melhor faze-lo que na escola?

Numa escola que, como um templo ao seu orago, conserve inapagavel o culto do Mestre, apóstolo da Arte Perfeita, paladino da nossa Literatura, prégoeiro da grandeza da Pátria, cujos filhos queria fortes de corpo e de alma.

A' testa da Secretaria de Educação e Cultura está illustre filho de Minas, senhor de elevada cultura, já muitas vezes postas á prova e, dirigindo o Departamento de Educação, um professor moço ainda mas já possuidor de inumeros serviços á causa da instrução do Districto Federal e que, se não nos enganamos, teve a felicidade de ouvir, no antigo Ginásio Nacional, as aulas de Coelho Netto, quando, entusiasmado, prelecionava sobre as tragédias esquileanas ou sobre os cantores da Provença, na época em que era honra insigne a «arte de bem trovar».

Deles aguardamos, com ansiedade, o gesto contra «essa inercia que já nos está deslustrando», ordenando se dê o nome de Coelho Netto a uma das nossas escolas municipais, algumas com patronos tão pouco expressivos.

Não deixemos que «a indiferença desça como sombra noturna sobre a memória do Povo» que ele tanto amou; avivemos na alma coletiva a flama do entusiasmo, esta virtude que faz as nações heroicas e que se manifesta em bravura, que se traduz em afeto, em amor.

JOÃO BARBOSA DE MORAES.

## Uma justa homenagem

(Oração proferida pela professora Leonor Posada, na sessão magna promovida pela Liga dos Professores em homenagem á memoria da saudosa educadora Floripes Anglada Lucas.)

O culto dos mortos vem desde os tempos imemoriais.

Si os povos, no inicio de sua civilização guardavam e veneravam as cinzas dos seus antepassados na ara dos numes tutelares, onde o fogo sagrado da coroação, do respeito e do afeto não se apágava nunca; si o selvagem, conserando o corpo do guerreiro com essencias e resinas, punha junto da igaçaba, na cabeça que cobria de folhas, os objectos de uso do morto e o venerava, o homem moderno sente-se cada vez mais ligado aos seus mortos num culto que, dia a dia, torna mais respeitoso e cheio de emoção.

Em todas as religiões os mortos têm um lugar de carinho, uma prece perene um pensamento votivo nos momentos unidos de saudade e amor e Augusto Comte, sublimando esse culto, deixou-nos a frase lapidar:

*Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos.*

Viva a criatura sua ação se perde ao tumultuar das outras vidas.

O que diz, o que pensa é repetido e levado a pensamentos de outrem, numa captação misteriosa e, ou recebe louvores—o que nen sempre acontece—ou passa despercebida no seio da humanidade.

Morta, porém, o vácuo que se lhe faz em volta, é um reclamar tácito de tudo quanto procedera em vida e então, um por um, todos os seus atos, erguem-se numa ascendencia dominadora.

E aquilo que parecera tão natural e simples aos olhos dos demais, aquilo que se perdera no borbolino comum da existencia ergue-se na sua tocante e realissima finalidade.

E, criaturas que passaram quasi que humildes, criaturas de quem se exigiu tudo e a quem tudo se negou, criaturas que viveram como que alheias á turba, ao lhe-

serem analisados ou estudados os atos, quando vivas, transformam-se em apóstolos ou em heróis.

São glorificadas depois.

A humanidade sente-se no dever de prestar-lhe a honra que lhes negou ou não lhes quiz ver e então penitencia-se em glorias ás suas lembranças.

Acostumados a usufruir deste ou daquele individuo o melhor do seu trabalho, o mais seléto de seus sentimentos e da sua intelligencia, os homens, não por injustiça, antes por displicencia, deixam de considerar a parçéla de ouro que lhes aumentou a soma em brilhos e exemplos.

Mas, tirada que seja a parçéla, o abaiçamento da soma fála do valor que desapareceu e então surgem os pezares justos, os clamores, as honrarias póstumas.

E' por isso que dizem que a Gloria é uma deusa fria que só se senta em lápides.

Floripes Lucas foi uma dessas criaturas admiraveis.

Sua existencia util e fecunda muito pouco appareceu embora ella estivesse sempre onde o labor honesto e a caridade o reclamavam.

Pouca gente soube, com sinceridade avaliar-lhe a firmesa de caráter, a perseverança no trabalho, a ação enérgica e realizadora.

Habitudo a verem-na trabalhar, desdobrar-se, ser consolo e ser luz, esperança e alivio, todo o mundo achava natural tudo isso e só se admiraria e só seria tomado de assombro, no dia em que ella, exausta, se negasse a continuar o seu labor.

E a vida de Floripes Lucas, trabalhosa e ingente, perdeu-se, como se não de perder— as de quasi todos os professores—no tumultuar anônimo da humanidade.

O professor, o soldado e o sacerdote confundem suas vidas uteis no comum de todas as vidas.

Uma cátedra vazia, um vácuo nas fileiras, um pastor de menos em nada altera a harmonia dos homens. A vida continúa, florescendo aqui, sendo uma cruz acolá, desdobrada sobre os séculos.

E Floripes Lucas foi simplesmente uma professora.

Morta, porém, em torno do seu nome se fez um vácuo tão fundo como um abismo.

De todos os lados, como por encanto, surgiram corações amargurados pela falta que éla lhes fez . . .

Por onde Floripes Lucas passou inda ha mãos ansiosas, súplicas.

E então, aqueles que lhe viveram ao lado, surpreendem-se ao verificar que não fôra simplesmente uma professa essa que conheceram e quizeram. Fôra muito mais: um coração devotado sempre pronto para o bem: a mão protetora que nunca deixou que outra mão se recolhesse transida e sem esmóla; a irmã caridosa sempre á cabeceira do enfermo e, sobretudo, o espirito varonil que, sem nada conseguir para si propria, animava os outros e os levava pela mão na conquista de melhores posições.

Cultuar a memoria de Floripes Lucas é uma dívida que lhe pagamos, dívida essa tão grande quanto foi grande o exemplo que éla nos legou.

Não se pôde deter a ação do tempo e nem se modificar as leis universais.

Cumprida que foi a missão de Floripes parece a todos que com a morte tudo se acabou.

Mas não. O exemplo é uma semente misteriosa. Apenas toca a terra e em pouco tempo rebenta, é arvore, é flor, é fruto. . .

E a vida de Floripes Lucas foi um continuo exemplo de dignidade e de amor fraternal.

E pensando néla com toda a saudade que sua lembrança me punge, sinto-a viver junto de nós como vive no espaço a luz da estrela cuja fonte de vida se estancára mas que inda envia á Terra ardente e clara uma réstca de luz para aquecê-la.

## O ENSINO DA LINGUA MATERNA

Muito se tem cogitado ultimamente da deficiência, do descalbro do ensino secundario, algumas vezes transbordantes os escriptores de paixão, não raros vendo as coisas de um augulo muito escasso e particular, mas ninguém poderá contestar que se trata de uma situação irregularmente grave.

Ha defeitos de organização, como ha

tambem erros de administradores, de professores e de pais, e tudo merece estudo e meditação, sem preconceitos e sem odios.

Quero hoje tocar de leve em um dos pontos mais sensiveis da questão. Professores do curso secundario, por sua vez accusados, queixam-se do estado de miseria intellectual em que se acham os alumnos que alcrnçam os bancos gymnasiaes. Os erros já vêm de traz, dizem elles.

E é verdade. O vicio vem já do ensino primario. Forçoso é reconhecer que as experiencias empiricas, o excesso de actividades extra-classe e outros motivos que estão no conhecimento geral têm permittido que saiam da escola primaria os alumnos com preparo muito inferior ao que era outrora caracteristico dos estudantes da escola publica.

A materia a respeito da qual maiores são as queixas é a lingua materna. Meditemos um pouco. Ha suficiente tempo, hoje, dedicado á leitura, á composição, á analyse, á conjugação dos verbos, aos exercicios elementares de morphologia e de syntaxe? Os alumnos são devidamente, minuciosamente instruidos a respeito dos erros que commetem nos trabalhos e dos defeitos de sua lingua em geral?

E' o vicio censuravel, e muito, o do *laudator temporis acti*, mas impossivel deixar de recordar o que se «fazia em nosso tempo» e ainda muito depois do «nosso tempo». E necessario que a introdução de aperfeiçoamentos do ensino e a adopção de novos methodos mais efficientes não sejam motivo para se destruir o que era bom.

Parece que hoje, apesar das boas intenções dos renovadores e innovadores, ha «muita arvore, que não deixa ver a paisagem». E' preciso contra-marchar um pouco e applicar a sapientissima frase de Augusto Conte, sem com isso se fazer praça de positivismo, pois é asserto de bom senso: *conservar melhorando*.

Voltem em pouco os professores, no ensino da lingua materna, ao que faziam no «seu tempo» e estejam certos de que a enorme maioria dos reformadores que lhe dão regras não as obtiveram do estudo e da experiencia. Sigam de preferencia o que lhes diz a própria experiencia e não as dissertações livrescas dos pedagogos que jamais ensinaram.

OTHELLO REIS.

## Língua materna

¿ Que é que significa a palavra pilatos ?

Existe o termo Pilatos como nome próprio e como apelido de familia. Pôncio Pilatos foi procurador ou governador da Judeia, ao tempo da morte de Cristo. Parece, estava o procurador convencido da incência de Jesus, mas, por falta de coragem, não cumpriu seu dever de juiz e permitiu fôsse o nazareno condemnado a morte e crucificado. Lavou as mãos dizendo — “sou innocente do sangue deste justo.”

A juiz que não tem a coragem de cumprir seu dever, que absolve criminoso ou que condena, de modo consciente, quem não cometeu crime, dá-se o nome de pilatos, acepção usual, mas creio que não dicionarizada. Costuma dizer-se “lavo as mãos” ou, em francês, “je m'en lave les mains”, para significar que não se assume a responsabilidade de certo acto.

Bluteau, Morais, Figueiredo, . . . dizem que em Portugal se chama, ou se chamou, pilatos, a uma bandeirola. Está no Bluteau:

“Pilatos. Assim chamam os irmãos da Misericórdia a uma bandeirinha, que levam no dia da procissão de finados”. Não sei qual a razão do nome.

Pilato também quer dizer calvo, depilado, acepção que nos veio do latim pilatus, a, um, de igual significação e Pôncio foi cognominado Pilatus porque tinha a cabeça quase nua, isto é, era calvo.

Ainda há, em latim, pilatus, a, um, como armado de azaguaia, de dardo. Na *Eneida* se encontra *pilata*:

“Procedit legio Ausonidum, pilata que plenis”.

Odorico traduziu por pilos.

“Pilos ca dextra, a legião da Ausônia.”

(Vergilio Brasileiro. P. n. 712.)

Pilo, arma dos antigos romanos, era espécie de dardo, chuço ou virote. Está a palavra registada no Bluteau.

Alapar, usavam os latinos pilatus como disposto em série e prepilatus como inofensivo. Arma ou estoque *prepilatus*, correspondia ao estoque com bola na ponta, ao *boutonné*, francês. Em cirurgia usa-se o bis-

turi prepilato. Pilatos, no caso, é de pila, de, bola.

A respeito do termo *pilatos* dá o sr. Antenor Nascentes estas palavras que nada esclarecem: “Pilatos—De Pilatos, nome de governador romano da Judeia no tempo de Cristo.”

¿ Que é que significa o termo ?

Pilatos não era nome e sim apelido. Seria melhor que o sr. Veras Nascentes não tivesse incluído o verbete no Dicionário, visto que nada sabia com referência ao termo. Nada se aprende lendo-se o que escreveu o bicedrático.

Esse pilatos entrou no *Dicionário* como se introduziu o outro no *Credo*. ¿ E, para mudar de assunto, qual será a razão por que se diz, a respeito de coisa na qual alguém se meteu de modo forçado, “entrei nisto como Pilatos no Credo” ?

Possivelmente porque o dizer-se “padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos”, como está no *Credo*, é minúcia mais do que muito desnecessária, incluída talvez para dar ritmo à frase.

De alguém que está sofrendo jogo de empurra, que não acha quem o atenda, que procura um e é mandado a outro, diz-se que anda de Herodes para Pilatos. Nisso há alusão ao ter Pilatos enviado Jesus a Herodes, que o devolveu sem julgamento a Pilatos, cf. ao que se lê no Evangelho de S. Lucas, 23, 7 e 11. Em português havia de ser o cognome Pilato, mas o uso corrente firmou Pilatos ou, alatinadamente, Pilatus.

Para rematar, notemos, uma vez que se falou em *Credo*, que nosso Machado de Assis, em mais de um passo, distraidamente, escreveu *Credo*, onde havia de ter escrito *Confiteor*. No *Credo*, também chamado “Simbolo dos Apóstolos” ou “Creio em Deus-Padre”, não se vêm referências a S. Pedro e a S. Paulo, o que aparece no “Confiteor” ou “Eupecador”.

Em “Histórias sem data” vê-se:

“Não vá o senhor cair no excesso e no exclusivismo, disse-lhe um dia com brandura; não pareça que, exaltando somente a Paulo, intenta diminuir Pedro. A igreja, que os comemora ao lado um do outro, meteu-os ambos no Credo; mas veneremos Paulo e obdeçamos a Pedro.” (Pág. n. 179. Ed. de 1909).

Em "Esau e Jacó": "Um dia, estando Perpétua à missa rezou o *Credo*, advertiu nas palavras: "...os santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo, e mal pôde acabar a oração" (P. n. 2ª. Ed. de 1904.)

\* \* \*

Que é que significa a palavra *geena*? *Geena* é outro nome de inferno. Não é de uso corrente. Nalgumas edições da Bíblia, em certos passos, vê-se *geena*, noutras edições vê-se inferno.

No evangelho de S. Mateus, 5º, 22, numa edição leio: "...será reu da *geena*" e noutra: "...será reu do fogo do inferno."

A uma região ao ocidente e ao sul de Jerusalém, que depois se chamou *Geena*, a Bíblia chama *vale de Hinon*, do filho de *Hinon* ou dos filhos de *Hinon*.

"E este termo passará pelo vale do filho de *Hinon*..." (Josué. 15, 8) "...Tofete que está no vale dos filhos de *Hinon*..." (Reis. 2º. 23, 10).

Nesse vale sacrificavam-se crianças, conforme o rito de *Moloque*. Depois era usado para receber o lixo da cidade, que seria incinerado e, a pouco e pouco, se tornou símbolo do lugar onde se castigam os maus. Esse uso, entretanto, de considerar o vale lugar onde se castigam os maus depois da morte, creio que não é mencionado no velho Testamento.

Há o termo hebreu *Gei-Hinnon* ou *gehinnon*, que deu o grego *geena*, o latim eclesiástico *gehena* e o português *geena*. *Ge*, ou *gey*, é voz hebraica que corresponde a *vale* e aparece em outras palavras bíblicas, ex. gr. em *Geazi* ou *Giezi*, *vale da vizão*.

*Hinon* parece que é nome próprio, de homem ou de lugar, mas com ele não topei em meus dicionários. Não me lembro de ter visto, nos livros santos, referência a tal palavra, salvo na expressão *vale de Hinon*.

Não é, entretanto, líquida a etimologia que acabo de apresentar, encontrada na maioria dos dicionários e nos livros de divulgação.

Há quem derive *geena* do avéstico *gaethanân*, genitivo plural, que deu o persa *ji-han*. Copio Charles Autran: «Ora *gaethanân* significa propriamente dos corpos: donde (permanência) dos corpos (coisa arimãiana) opondo-se ao ceu d'Ahura Mazda, Deus bom, que é, por excellência, a morada dos espíritos...»

O sr. Antenor Nascentes, etimologista compatriço, no tocante ao termo *geena*, traduziu, mais ou menos, o que vem no Larousse, fazendo breves modificações para peor.

Traduziu *vallée* por jardim, no que foi infeliz.

Na linguagem bíblica emprega-se o termo jardim para designar lugares com árvores frutíferas, com árvores de sombra e a áreas onde se cultivam plantas aromáticas, embora, uma vez por outra, também apareça a palavra para significar local onde se cultivam flores, principalmente rosas. Em vez de jardim, também se usava o termo horto. E' comum referências ao jardim das oliveiras, ao horto das oliveiras, ao cálice do horto..., a última expressão, também dada como cálice da amargura, é alusiva ao cálice que o Senhor tragou no jardim das Oliveiras, onde, meditando na infelicidade humana, ao orar, suou sangue.

Vale, na Bíblia, em regra, é empregado como sentido diferente do de hoje. Em regra, o vale bíblico responde a desfiladeiro, ao que o francês chama *ravine*. Em alguns passos, vale é terra baixa que fica entre a montanha e a planície. Seja como for, andou mal, a meu ver, o sr. catedrático, ao traduzir o francês *vallée* por jardim. O último termo origina-se do francês *jardin*, proveniente do velho francês *jart* e este do frâncico *gardo*, cf. o alemão *garten*, o inglês *garden*, o provençal *gardin*... O jardim ou parque bíblico, onde Deus colocou o primeiro homem, é chamado Éden, nome de localidade. Na Bíblia lê-se: «E plantou o senhor Deus um jardim no Eden, da banda do oriente e pôs ali o homem...» (Gênesis 2. 8.). Éden é voz hebraica que responde a prazer, a volúpia... Há o adjetivo edênico.

E' comum chamar-se ao jardim do Éden, paraíso.

Mas, Charles Autran escreve:

«O jardim do Éden não é um paraíso.

O *Gênesis* não lhe chama *pardes*, mas *gan*sto é jardim.

Todavia *pardes* e *gan* que acabámos de mencionar, não são sinónimos daquilo que, depois se chamou paraíso. Paraísos eram grandes jardins reservados como aquele que Xenofonte, por exemplo, na Ciropedia e em Anábese, nos diz que servia de depósito de caças e de parque de recreio para Ciro. «A palavra grega *paradeisos*, donde nosso paraíso, não aparece no «Testamento», sinão

com a tradução dos *setenta*, onde serve indiferentemente para significar jardim (*gan*) e *pardes*. Mas em sentido de morada celeste comum a Deus, a seus santos e a seus fieis não se encontram sinais nos textos apocalípticos, a começar pelos evangelhos...»

Paraíso é de origem iraniana, perseia ou pérsica, *pairi-daeza* ou *paridaiza*, jardim cercado.

A forma iraniana deu a hebraica *pardés*, a grega *paradeisos*, a latina *paradisus*, matriz do português paraíso, do francês *paradis*, do inglês *paradise*... Existe em nossa língua o adjetivo *paradisiaco*.

A um jardim arborizado chama-se *parque*, palavra talvez oriunda do latim bárbaro *parricus*, *parcus*, cercado, fechado. *Parricus* é de origem obscura, provavelmente germânica.

O italiano *parco* e o inglês *park* provém do francês cf. ao que vejo em Bloch. O sr. Antenor Nascentes diz que o português *parque* provém do italiano *parco*, o que não parece acertado.

—Moloque ou moleque (*moleck*) é assim definido num dicionário: «Ídolo e divindade dos Amonitas, em honra do qual mandou Salomão erigir um templo, em que se queimaram crianças nos braços de uma estátua ardente.» Aqui a forma corrente é moleque (*moloch*). Na Bíblia há as duas—moloque e moleque.

P. A. PINTO

## Tres Palavrinhas

**CAUDAL**—O substantivo *caudal*, que significa *torrente*, *rio torrentoso*, deve ser do gênero masculino, e assim o fazem em geral os que bem falam e escrevem; há, porém, os que supõem feminina a palavra, e entre estes alguns poetas. Devemos corrigir sempre: *o caudal*, e não *a caudal*.

**CHANTAGEM**—A palavra francesa *chantage* designa o ato de extorquir dinheiro sob ameaça de alguma revelação escandalosa ou perigosa. Em francês o vocabulo é masculino, como está no Larousse: "*chantage* n. m. action d'extorquer a une personne de l'argent, des faveurs. etc. sous la menace de révelations scandaleuses: *pratiquer un chantage*". Entre nós, e também em Portugal, é frequente usar-se a propria

palavra francesa, no genero feminino: *isto é uma chantage!* O mesmo, enfim, que fazem com a palavra *garage*, que na lingua francesa é do genero masculino.

Parece melhor aportuguesarmos a palavra e darmos-lhe o genero feminino: *uma chantagem*.

**EM SEU TÔRNO**—Dou, em alguns jornais com a expressão *em seu torno*. Não se imagine, porém, que se trate de algum operário que se haja ferido *em seu torno*; ou de algum artifice que tenha feito certa peça *em seu torno*. Nada disso! Vejam onde está engastada a *joia*:

"Realiza-se afinal amanhã a corrida de automóveis. Fato sensacional, *em seu torno* têm sido bordados numerosos comentários".

Na mesma folha apareceu *em cujo torno*: "O crime de morte, *em cujo torno* giravam as investigações..."

Isso que aí está é disparate, e do mais grosseiro que imaginar se possa. Devemos dizer: *em torno dele*, *em torno do qual*.

As expressões *em seu torno* e *em cujo torno* só poderiam ter nascido de uma cabeça ôca ou de cérebro toldado.

MESTRE-ESCOLA.

## Correspondencia de Tres Palavrinhas

J. P. —Acaba de ser posto à venda o livrinho *Temas para redação*, de meu prezado colega Otelo Reis. No prefácio diz o autor: "Esta coletânea de temas de composição, descrições, narrações, dissertações, diários, cartas, telegramas, anuncios, catálogo peças de redação oficial ou comercial, — foi nossa intenção, quando nos decidimos a publicá-la, reunindo muito material de nossas proprias aulas e algum escolhido de livros, ou fornecido pela gentileza de bondosos colegas, acorrer em auxilio dos esforçados professores, que não poucas vezes se encontram em dificuldade no momento em que têm de indicar assuntos para composição. Ao fim de pouco tempo, bem reduzido é o campo da imaginação e o professor verifica que está repetindo..."

Os que labutam efetivamente no ensino da linguagem sabem perfeitamente como são verdadeiras essas palavras do autor e por isso me dispenso de encarecer o valor da obra, que a Livraria Francisco Alves editou.

M.-E.

# Departamento de Educação

## OS PROGRAMAS MINIMOS

### INTRODUÇÃO

Os programas mínimos, que abaixo se publicam, reconfeccionados como de necessidade para mais segura sistematização do trabalho escolar, resultaram do estudo de suas Comissões, uma de Professores da Seção de Materias de Ensino da Escola de Educação, outra, que funcionou sob a presidência do Superintendente Geral de Educação Elementar e do Ensino Particular, composta de Superintendentes, de Diretores de Escolas e da Chefe da Seção de Programas do Instituto de Pesquisas Educacionais.

A primeira dessas Comissões incumbiu-se de proceder a uma análise das tendências gerais dos programas de ensino das Escolas do Distrito nos últimos quinze anos, e, com base nesse trabalho e nas pesquisas que a Escola de Educação vem realizando, redigiu um ante-projecto de programas mínimos.

Recebido todo esse material á Comissão de Superintendentes, de Diretores e da Chefe da Seção de Programas do Instituto de Pesquisas, precedido de relatório do Diretor do mesmo Instituto, foi cada parte no trabalho estudada de modo minucioso e cuidadosamente revista a materia discriminada em *itens*, como *minimo* a ser obtido dos alunos, em cada ano ou grau do curso primario.

Procedeu-se, então, a uma publicação preliminar dessa materia, para que todos os Superintendentes de Educação Elementar, Diretores de Escolas e Professores em geral pudessem dela ter conhecimento e sobre a mesma se manifestar com suas criticas e sugestões.

Recebida essa contribuição de todo o Magisterio, e examinado tambem, o inquerito que, no inicio do corrente ano, realizou, o Instituto de Pesquisas Educacionais sobre o mesmo assunto, foi todo o trabalho encaminhado á direção do referido Instituto, a qual formulou seu parecer e encaminhou todo o material ao Diretor de Educação.

E' de acreditar-se que o cuidado que presidiu a todo o trabalho, bem como a fór-

ma liberal de ouvir a todos os interessados na execução dos programas, tenha permitido chegar a resultado que, realmente, venha produzir melhor sistematização no ensino, nos diferentes graus do curso primario, e mais seguro criterio para a classificação e a promoção dos alunos. No entanto, e muito embora os programas, que abaixo se publicam, devam ser rigorosamente observados, têm eles ainda um caracter experimental, isto é, estarão sujeitos para cada novo exercício, á revisão que se torne necessaria, á luz dos resultados de pesquisas e inqueritos, porventura efetuados, que possam demonstrar, de modo inequivoco, a necessidade de alterações, acréscimos, ou corrigendas.

Colocando-se a materia compreendida na publicação para sugestões com a que é agora fixada, como minimo para cada ano escolar, verifica-se que não se procedeu a nenhuma alteração, substancial de conteúdo. Póde-se notar, porém, e convem assinala-lo, que, em relação ao programa de Matemática, embora toda a materia tivesse sido observada, houve pequena alteração na distribuição do minimo dos tres últimos anos, ficando menos sobre-arregado o terceiro. A isto foi levada a administração, em vista do resultado geral da disciplina nas diferentes Escolas do Distrito, verificado por pesquisas da Escola de Educação. Se as sugestões e criticas da materia constante da publicação inicial, sobre a qual todo o Magisterio foi convidado a se pronunciar, sancionaram, de modo integral, a exequibilidade dos programas, conclue-se, da alteração referida, que ela se torna ainda, agora, mais facil.

Por tudo isso, a administração se empenhará em que os programas mínimos sejam realmente executados, como convém á boa ordem dos trabalhos escolares. Claro está que, em se tratando de *programas mínimos*, cada classe, cada Escola, e cada Circunscrição, poderá organizar programas de desenvolvimento e de adaptação, segundo as necessidades e possibilidades de cada meio social a que esteja servindo, desde que o minimo fixado seja atendido de modo conveniente.

A delimitação e a graduação da materia minima, como tem abundantemente provado a experiencia e o confirmou a opinião dos Superintendentes e Diretores de Escolas, ouvidos no inquerito realizado pelo Instituto de Pesquisas, não virão prejudicar, de modo algum, as conquistas de verdadeira renovação do ensino em nossas Escolas. Ao contrario, consolidarão estas conquistas, coordenando-as para mais seguro e eficiente resultado.

Torna-se necessario, para isso, que a execução dos *itens* indicados como minimo para cada ano leve em conta os objetivos gerais do ensino da materia, em todo o curso, e, mais particularmente, em relação ao ano em que o ensino esteja sendo ministrado, com perfeita articulação com o ensino das demais disciplinas; que se tenham em vista, igualmente, os habitos e atitudes a desenvolver nos alunos, a necessaria correlação do ensino de cada disciplina com o do dos demais do mesmo ano, e, ainda, as diferenças individuais dos escolares. Dessa fórma, a renovação escolar ganhará em consistencia e significação.

### LINGUAGEM

#### Objetivos gerais do ensino da materia

O ensino da Linguagem, na escola primaria, visa desenvolver a capacidade de expressão, oral e escrita, de modo a torná-la clara, precisa e correta; e, reciprocamente, levar a criança a compreender a expressão alheia, falada e escrita. Servindo á intercomunicação social, a linguagem se apresenta tambem como instrumento de organização e sistematização do pensamento.

Os fins de ordem pratica e de ordem cultural, acima esboçados, podem ser assim especificados:

- dar a tecnica da leitura e da escrita, no mais alto nivel de compreensão, rapidez e naturalidade;
- fixar habitos de boa leitura, tanto para os fins de colheita de informações uteis, como para utilização das horas de lazer;
- habilitar os alunos á redação da correspondencia usual, e de notas e informações para seu proprio uso;
- dar o habito de ouvir com atenção;

de organizar plano prévio para o trabalho oral ou escrito; de saber utilizar dos livros, dicionarios e enciclopédias;

e) concorrer para a formação dos sentimentos civis, pelo amor e defesa do idioma nacional, e pelo conhecimento das obras e da vida de autores nacionais.

### 1.º ANO

#### A) Lettura e Escrita

##### I. Objectivos do ensino nesta série:

- despertar o desejo de ler e de escrever;
- dar habilidade de ler, escrever e interpretar expressões e sentenças simples, que correspondam á linguagem corrente e de uso das crianças.

##### II. Habitos e atitudes a desenvolver nos alunos:

- preocupar-se com o sentido do que lê ou escreve;
- ler, articulando convenientemente as palavras;
- escrever de modo legivel.

##### III. Minimo a ser obtido dos alunos:

- Dominio do aprendizado inicial da leitura e da escrita;
- Compreensão de sentença simples, impressas ou manuscritas, de acôrdo com o vocabulario das crianças.

##### IV. Prática do ensino:

O ensino da leitura e da escrita deverá ser simultaneo e feito por um dos seguintes processos: sentencição, fonação ou palavração. A aprendizagem, póde ser iniciada por letra manuscrita ou de imprensa simplificada. Deverá ser usado desde inicio, o quadro negro. Precedendo ou mesmo substituindo o uso de cartilhas, convem o emprego dos livros com figuras e historias de texto muito simples; cartões com palavras, silabas e letras, para exercicios de composição e decomposição; tipos moveis para impressão de cartazes e avisos; cartazes com sentenças, cujo assunto se relacione com os de outras disciplinas, etc.

Os alunos serão conduzidos a organizar livros, alguns, ilustrados, e dicionarios, com palavras aprendidas em aula. Serão utilizados exercicios e jogos para fixação de frases, palavras e letras, visando o aumento de rapidez e compreensão na leitura.



**B) Composição, Gramática e Literatura****I. Objetivos:**

a) desenvolver a capacidade de expressão, enriquecendo o vocabulário, na medida da aquisição de noções do programa das outras disciplinas;

b) eliminar os erros e vícios de linguagem, de acôrdo com o programa mínimo de gramática (articulação das palavras, entonação particular, dada às perguntas, uso de letras maiúsculas).

c) despertar o desejo de falar e de escrever corretamente;

d) despertar o desejo de ler mediante a apresentação do material de leitura atraente.

**II. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:**

—conversar sem elevar a voz demasiadamente;

—falar, cada um, por sua vez;

—preocupar-se com o asseio e conservação dos livros e cadernos.

**III. Mínimo a ser obtido dos alunos:**

Ao fim desta série, as crianças deverão ser capazes de:

a) dar informações orais, embora em sentenças muito simples, a respeito de assuntos que interessem á vida infantil;

b) escrever, sob ditado ou de cór, grande parte de palavras, aprendidas durante o ano;

c) organizar, por escrito, pequenas sentenças, de acôrdo com seu vocabulário e compreensão;

d) transmitir pequenos recados;

e) empregar corretamente o ponto final e o de interrogação;

f) reconhecer nomes de arvores, frutas, animais, etc., em correlação com Ciências Naturais;

g) reconhecer nomes de objetos, nomes próprios, em correlação com Ciências Sociais;

h) distinguir letra maiúscula de minúscula;

i) empregar letra maiúscula, no princípio da sentença, e em nomes próprios;

j) conhecer a sequencia das letras (alfabeto);

k) reconhecer expressões que indiquem cór, forma, tamanho, etc., em relação com Matemática, Ciências Naturais e Sociais;

l) saber verificar o numero de sílabas de uma palavra;

m) ser capaz de reproduzir historias, dentre as contadas durante o ano;

n) preocupar-se com a articulação clara e correta das palavras;

o) ter, de memoria, quadras e pequenas poesias;

p) compor, oralmente, pequenas sentenças, á vista de estampas, de objetos ou de animais.

**IV. Prática de Ensino:**

Palestras tomando, como assuntos, os dos programas das outras disciplinas, de acôrdo com as atividades e interesses dos alunos.

Narração de historias.

Enumeração, descrição e narração, á vista de estampas.

Dramatização dos assuntos das palestras e das historias.

Cópia e ditado de palavras e sentenças.

Construção de frases simples, relacionadas aos assuntos das palestras e historias.

Recitação de quadras e pequenas poesias.

Organização de bibliotéca da classe, com livros e albu nsilustrados, preparados pelos alunos, com o auxilio do professor.

Não haverá aulas especiais de gramática; as noções serão dadas á medida que surgirem as oportunidades, isto é, durante as palestras, leituras, correção de exercicios orais e escritos, correção da linguagem em geral.

**2.º ANO****A) Leitura****I. Objetivos:**

a) estimular o gosto pela leitura;

b) desenvolver a rapidez de compreensão e o desembaraço, na leitura oral;

c) Aumentar a rapidez da leitura silenciosa, desenvolvendo na criança, a capacidade de ler para si.

**II. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:**

—ler sem apontar as palavras com o dedo ou o lapis;

—ler silenciosamente, sem mover os labios;

—ler sem balançar o corpo ou a cabeça.

**III. Mínimo a ser obtido dos alunos:**

1. Leitura, com perfeita compreensão, de

qualquer trecho dos livros adequados para esta série.

2. Leitura oral, nos mesmos livros, e modo que a expressão revele que o assunto está sendo compreendido.

**IV. Prática de Ensino:**

No início do ano, convirá a pratica de exercicios de leitura, ainda no quadro negro, para que fique assegurada a técnica da leitura e da escrita.

No correr do ano, leitura em livros destinados á série, como também em livros recreativos, jornais e revistas infantis.

Cartazes, com trechos relacionados ás demais matérias, avisos, conselhos escritos, mensagens — deverão ser utilizados como material para exercicios frequentes.

O completamento de sentenças, relacionadas com historias lidas ou narradas; a copia e leitura de quadras, pequenas poesias, historietas; respostas a questionarios, referentes a trechos lidos, darão oportunidade para novos exercicios de fixação e de compreensão. Todo esse material permite utilização sob fórmula de jogo, para maior interesse dos alunos.

*Observação:* — Convém que os alunos sejam classificados em grupos, segundo a habilidade respectiva na leitura, devendo cada grupo receber tratamento adequado. As leituras deverão ser feitas com preparo prévio e á primeira vista.

**B) Composição****I. Objetivos:**

a) desenvolver a capacidade de expressão, oral e escrita, enriquecendo o vocabulário, na medida do desenvolvimento do programa das demais disciplinas;

b) eliminar vícios e erros de linguagem, de acôrdo com o programa mínimo de gramática.

**II. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:**

—colaborar em trabalhos escritos, no quadro negro;

—ouvir atentamente o professor e o colega;

—corrigir os erros dos colegas, não por espirito de competição, mas de cooperação.

**III. Mínimo a ser obtido dos alunos:**

1. Composição oral e escrita, de sentenças ligadas, entre si, pelo sentido, á

vista de estampas, ou a respeito de cenas que as crianças tenham presenciado;

2. Redação oral ou escrita de recados muito simples;

3. Emprego do ponto final, do de interrogação e do de admiração;

4. Emprego da letra maiúscula no início de sentença, nos nomes próprios;

5. Emprego correto do «m» antes de b e de p;

6. Uso correto de cedilha;

7. Conhecimento das vogais e consoantes.

**IV. Prática de Ensino:**

Palestras relacionadas com os assuntos das demais materias;

Narração de excursões; de fatos interessantes da vida da criança, no lar e na escola; de pequenas historias.

Enumeração, descrição e narração, á vista de estampas.

Dramatização de assuntos de palestras e historias.

Ditado, para fixação da escrita correta das palavras de uso comum.

Construção de sentenças e redação de pequenos bilhetes, no quadro negro.

Organização pelos alunos, e com o auxilio do professor, de livros e albuns ilustrados de historias ou assuntos ligados ao das outras disciplinas.

Questionarios escritos, referentes á historia ou trechos lidos pelos alunos.

**C) Gramática****I. Objetivos:**

a) incentivar na criança, o desejo de falar e escrever corretamente;

b) interessa-la em descobrir os proprios erros de linguagem e corrigi-los.

**II. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:**

—observar a propria linguagem com o fim de aperfeiçoá-la;

—corrigir os erros dos colegas, não por espirito de competição, mas de cooperação.

**III. Mínimo:**

1. Reconhecer nomes e qualidades, em correlação com o estudo das demais materias.

2. Conhecer genero e numero, pela observação da regra geral de formação do plural, e do feminino, nos nomes e qualidades.

Observação da concordancia dos adjetivos

qualificativos com os nomes; graus dos substantivos.

3. Observar sentenças simples, em cuja composição entre n verbos ativos. Noção de palavras que exprimem ação. Distinção dos nomes, qualidades e ações.

4. Substituir palavras que indicam qualidades e ações por outras que têm significação contrária, ou quasi a mesma significação. Noção de antônimos e sinônimos.

5. Observar o número de sílabas e a acentuação tônica das palavras.

6. Distinguir grupos vocálicos e consonantais.

#### IV. Prática de Ensino:

Não haverá aulas especiais de gramática; as noções serão dadas á medida que surgirem as oportunidades, isto é, durante as palestras e leitura, ou na correção dos exercícios orais e escritos.

#### D) Literatura

##### I. Objetivos:

Insentivar o desejo de ler, mediante apresentação de material interessante, de acôrdo com o desenvolvimento e interesse das crianças.

II. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:

—cooperação, desenvolvida por meio da organização da biblioteca de classe;

—zelo pelos livros da biblioteca de classe e de uso individual.

##### III. Mínimo:

1. Reproduzir histórias narradas durante o ano.

2. Memorizar quadras ou pequenas poesias.

3. Leitura, no mínimo, de tres dos livros da biblioteca de classe.

##### IV. Prática de Ensino:

Narração de histórias pelo professor e pelos alunos. Reprodução e dramatização, pelos alunos, com linguagem própria.

Recitação de trechos, quadras ou pequenas poesias.

Organização da biblioteca de classe, com livros e alguns ilustrados, preparados pelos alunos da classe com o auxílio do professor.

Leitura oral e silenciosa dos livros da biblioteca, reproduções e dramatizações.

### 3.º ANO

#### A) Leitura

##### I. Objetivos:

a) conduzir a criança ao domínio completo da técnica da leitura;

b) aperfeiçoar a expressão, em leitura leitura oral;

c) desenvolver a capacidade de leitura silenciosa, por meio de material recreativo e de informação, relacionado com os assuntos das demais matérias.

1. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:

a) manter posição conveniente em leitura oral e silenciosa;

b) não ler palavra por palavra, mas dominar grupos de palavras;

c) evitar movimentos dos lábios, na leitura silenciosa.

Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Leitura silenciosa, em trechos simples, com perfeita compreensão.

2. Leitura oral, á primeira vista, com expressão que demonstre a compreensão do trecho lido.

##### IV. Prática de Ensino:

Leitura oral em livros adequados a este grau.

Leitura silenciosa em livros recreativos da biblioteca de classe ou da escola, seguida de questionários orais ou escritos.

Idem, idem, de assuntos relacionados com as demais matérias, acompanhadas de notas, resumos e relatórios.

Leitura de trechos dialogados, ficando a parte de cada personagem a cargo de um aluno.

Exercícios de completamento de sentenças referentes a trechos lidos.

Leitura e interpretação dos cantos escolares e livros.

#### B) Composição

##### I. Objetivos:

a) aumentar a capacidade de expressão oral e escrita, enriquecendo o vocabulário e dando-lhe maior precisão, na medida do andamento do programa das demais disciplinas;

b) eliminar vícios e erros de linguagem de acôrdo com o programa mínimo de gramática.

1. Hábitos e atitudes a desenvolver nos alunos:

a) evitar termos e expressões de giria;

b) receber as correções feitas pelos colegas e pelo professor, com boa vontade;

c) organizar o pensamento, antes de exprimi-lo oralmente ou por escrito.

##### III. Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Revisão da matéria exigida nas séries anteriores.

2. Organização de sentenças gramaticalmente corretas e conciliadas, pelo sentido, á vista de estampa, ou sobre episódio da vida infantil.

3. Redação de bilhetes com o tratamento de Você e Senhor.

4. Emprego de dois pontos nos diálogos, e da vírgula separando apostos.

5. Emprego do acento agudo e do circunflexo (acentuação tônica das palavras).

6. Divisão correta das palavras em sílabas;

7. Uso do dicionário, para tirar dúvidas de ortografia e de significação.

##### IV Prática de Ensino:

Palestras tomando para assunto os dos programas, de acôrdo com as atividades e interesses dos alunos.

Narração de excuções, de fatos interessantes da vida escolar, de histórias.

Enunciação, descrição e narração á vista de estampas.

Dramatização de assuntos das palestras e das histórias.

Redação de diálogos muito simples.

Redação de enunciados de problemas.

Ditado, para fixação de noções básicas de ortografia, e para distinção do sentido de palavras homônimas.

Redação de bilhetes, cartas. Intercâmbio escolar.

Composição de jornal de classe, de livros, e albums ilustrados, do diário da classe, com os fatos mais interessantes da vida escolar.

Respostas e questionários escritos, a respeito de histórias e de trechos lidos pelas crianças.

#### C) Gramática

##### I. Objetivos:

a) desenvolver na criança o desejo de falar e de escrever corretamente;

b) dar a preocupação de descobrir os próprios erros e de corrigi-los.

##### II. Hábitos e atitudes:

Além dos já referidos para a série anterior, deve o professor conduzir os alunos a maior atenção para os casos de concordância verbal.

##### III. Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Revisão e desenvolvimento da matéria dada na série anterior.

2. Emprego do K W e Y (relacionando com Matemática — Km, Kg., etc., e com Ciências Sociais — nomes estrangeiros).

3. Nomes que indicam coleções. Coletivos mais usados na linguagem corrente (relacionando com Matemática, Ciências Sociais e Naturais).

4. Gênero e número dos nomes; casos que fogem á regra geral.

5. Observação e construção de sentenças com verbos ativos. Emprego, em sentenças, dos tempos simples do modo indicativo, de verbos de uso comum.

6. Emprego dos pronomes pessoais.

7. Concordância do adjetivo qualificativo com o substantivo; gênero e número dos adjetivos.

8. Concordância do verbo com o sujeito, distinção do singular e do plural dos verbos e dos pronomes pessoais.

##### IV Prática de Ensino:

Não haverá aulas especiais de gramática. As noções serão dadas á medida que surgirem as oportunidades sem preocupação de nomenclatura especial.

#### D) Literatura

##### I. Objetivos.

a) desenvolver o gosto pela leitura;

b) dar capacidade de leitura independente.

##### II. Hábitos e Atitudes:

—cooperação, desenvolvida por meio do enriquecimento da biblioteca da classe, deixada pelos alunos do ano anterior, e por meio da organização de um club de leitura.

—zelo pelos livros da biblioteca de classe, da biblioteca da escola e pelos de uso individual.

##### III. Mínimo:

1. Reprodução de histórias, lendas ou fabulas, com linguagem própria.

2. Memorização de pequenos trechos em prosa ou verso.

3. Leitura, pelo menos, de cinco livros da biblioteca da classe ou da escola.

#### IV Prática de Ensino:

Organização de um clube de leitura, pelos alunos da classe.

Preparo de um caderno de notas, com observações a respeito dos livros lidos.

Preparo de sessões literárias: leitura e narração de histórias, recitação, pequenas conferências, dramatização.

Enriquecimento da biblioteca da classe por meio de preparo por alunos e professor, de albuns e livros ilustrados.

#### 4.º ANO

##### A) Leitura

###### I. Objetivos:

a) ampliar o campo de leitura dos alunos, despertando-lhes o interesse para maior variedade de assuntos;

b) aperfeiçoar a expressão e compreensão, na leitura oral;

c) desenvolver a rapidez e a compreensão, na leitura silenciosa.

II. Hábitos e atitudes a serem desenvolvidos nos alunos:

Além dos já especificados para as outras séries deve-se dar o hábito de consulta de livros didáticos e de dicionário, habilitando as crianças no uso do índice.

###### III. Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Interpretação de trechos escritos em linguagem corrente, de modo completo.

2. Leitura, com boa expressão, de modo que permita aos auditores, a compreensão do trecho lido.

3. Uso conveniente de dicionários e de livros didáticos.

4. Uso do índice, de questionários e vocabulários dos livros.

###### IV Prática de Ensino:

Leitura silenciosa, em livros recreativos da biblioteca de classe e da escola, seguida de questionários orais ou escritos, resumos orais ou escritos, reproduções orais.

Idem, idem, de assuntos relacionados aos demais materiais, acompanhadas de notas, resumos e relatórios.

Exercícios de completamento de sentenças e questionários escritos, referentes aos trechos lidos.

Leitura e interpretação das letras dos livros e canções cívicas,

##### B) Composição

###### I. Objetivos:

a) despertar o interesse pela expressão correta e clara do pensamento, tanto oralmente como por escrito;

b) levar o aluno a esforçar-se pela eliminação de seus erros de linguagem.

###### II. Hábitos e atitudes:

Além dos indicados para a série anterior, deve haver maior preocupação em organizar plano prévio para a execução de cada trabalho escrito, de que resultará melhor disposição e clareza do pensamento. Igualmente, deve-se dar ao aluno o hábito de reler cada trabalho antes de dá-lo por terminado.

###### Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Narrações e interpretações, escritas à vista de estampas.

2. Descrições e narrações de lugares, cenas e fatos.

3. Cartas, com o uso das formas correntes de início e conclusão, e com o emprego correto do tratamento de «Você» e «Senhor».

4. Redação de telegramas e recibos.

5. Emprego correto da pontuação e das notações lexicais (cedilha, til, acentos).

6. Concordância do adjetivo com o substantivo e do verbo com o sujeito.

7. Emprego correto da crase (casos simples).

###### III. Prática de Ensino:

Palestras relacionadas com assuntos de outras matérias, com os de trabalhos escritos e de leituras feitas.

Narração de excursões, de fatos observados e de ações praticadas.

Descrição de tipos humanos interessantes de lugares pitorescos, de jogos realizados.

Resumo e relatório de observações, de leitura de informações.

Descrição e interpretação de estampas.

Dramatização de assuntos das palestras, de história, fabulas, lendas.

Redação de enunciados de problemas.

Redação de cartas. Intercambio escolar.

Ditados, para fixação de certas noções básicas de ortografia, para distinção do sentido de palavras homônimas e parônimas.

Composição do jornal da classe, de livros

e albuns ilustrados, do diário da classe, com os fatos mais interessantes da vida escolar.

Preparo de pequenas biografias de brasileiros ilustres, que se tenham distinguido nas ciências, letras ou artes.

##### C) Gramática

###### I. Objetivos:

a) levar à observação da linguagem oral e escrita, para dedução de certas noções e regras de gramática, que permitam segurança no manejo da língua;

b) dar a preocupação de eliminar os erros de linguagem falada ou escrita.

II. Hábitos e Atitudes a desenvolver nos alunos:

Além dos indicados para as séries anteriores, interessar os alunos na correção dos trabalhos da classe, no quadro negro, para fixação das noções aprendidas.

###### III. Mínimo:

1. Revisão da matéria tratada na série anterior, com maior desenvolvimento, e introduzindo-se, gradativamente, a terminologia especial da gramática, desde que a noção tenha sido bem compreendida.

2. Função e aplicação dos adjetivos determinativos.

3. Função do pronome. Observação, em sentenças, das diversas espécies de pronomes e estudo especial dos pronomes pessoais e de suas variações. Exercícios e jogos para compreensão e prática do emprego dessas variações e, com especialidade, das da terceira pessoa — *lhe, o, se*.

4. Conjugação dos verbos regulares, e dos verbos auxiliares.

5. Estudo da sentença. Sujeito e predicado.

6. Observação da maneira por que se apresentam modificados os verbos de predicação completa: palavras que indicam modo, quantidade, tempo, lugar. Noção de advérbio.

7. Exercícios para enriquecimento e precisão de vocabulário sobre sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos; composição e derivação de palavra (dedução do significado dos prefixos e sufixos, de uso comum da linguagem corrente)

###### IV. Prática de Ensino:

Como nas séries anteriores, não haverá aulas especiais de gramática. As noções se-

rão dadas à medida que surgirem as oportunidades, devendo ser introduzida a terminologia especial da gramática, à medida do desenvolvimento da classe.

##### D) Literatura

###### I. Objetivos:

a) desenvolver a capacidade de leitura independente;

b) desenvolver o gosto pela leitura, dando-se aos alunos a preocupação da qualidade do material, tanto na forma quanto no sentido;

c) levar os alunos à apreciação de pequenas obras ou trechos de autores nacionais.

###### II. Hábitos e Atitudes:

Além dos indicados para as séries anteriores, habilitar a fazer uso dos catálogos e charrios da biblioteca e dar o hábito de tomar notas a respeito dos livros lidos e dos autores respectivos.

###### III. Mínimo a ser obtido dos alunos:

1. Reprodução de histórias, lendas ou fabulas, com linguagem própria;

2. Memorização de trechos em prosa e em verso.

3. Leitura completa de, pelo menos, cinco livros da biblioteca de classe ou da escola.

###### IV. Prática de Ensino:

Frequência à biblioteca da escola; respostas a questionários escritos, relativos às leituras feitas.

Organização de sessões no clube de leitura para recitação, narração de histórias dramatizações, conferências.

Preparo de notícias biográficas de autores nacionais.

## TEMAS PARA REDAÇÃO

DE

### Othelo Reis

Organizados e coligidos com a colaboração das professoras

Anna da Gloria Santos Araujo  
e Maria das Dores Rios de Gusmão

Livraria Francisco Alves

OUVIDOR, 166

# d'a Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferências pedagogicas. Artigos doutrinaarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

**PREÇO** } encadernada :..... 16\$000  
          } em avulsos ..... 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção

d'A "ESCOLA PRIMARIA"

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

## Assistencia Dentaria Escolar

Chamamos a attenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA CIRIO oferece em optimas condições.

7 de Setembro 82 — Phones, 22-9249 e 22-9446

(Provisoramente)

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

Matriz:

# CASA MATTOS

Filial:

R. Ramalho Ortigão, 24

. Mariz e Barros, 188-A

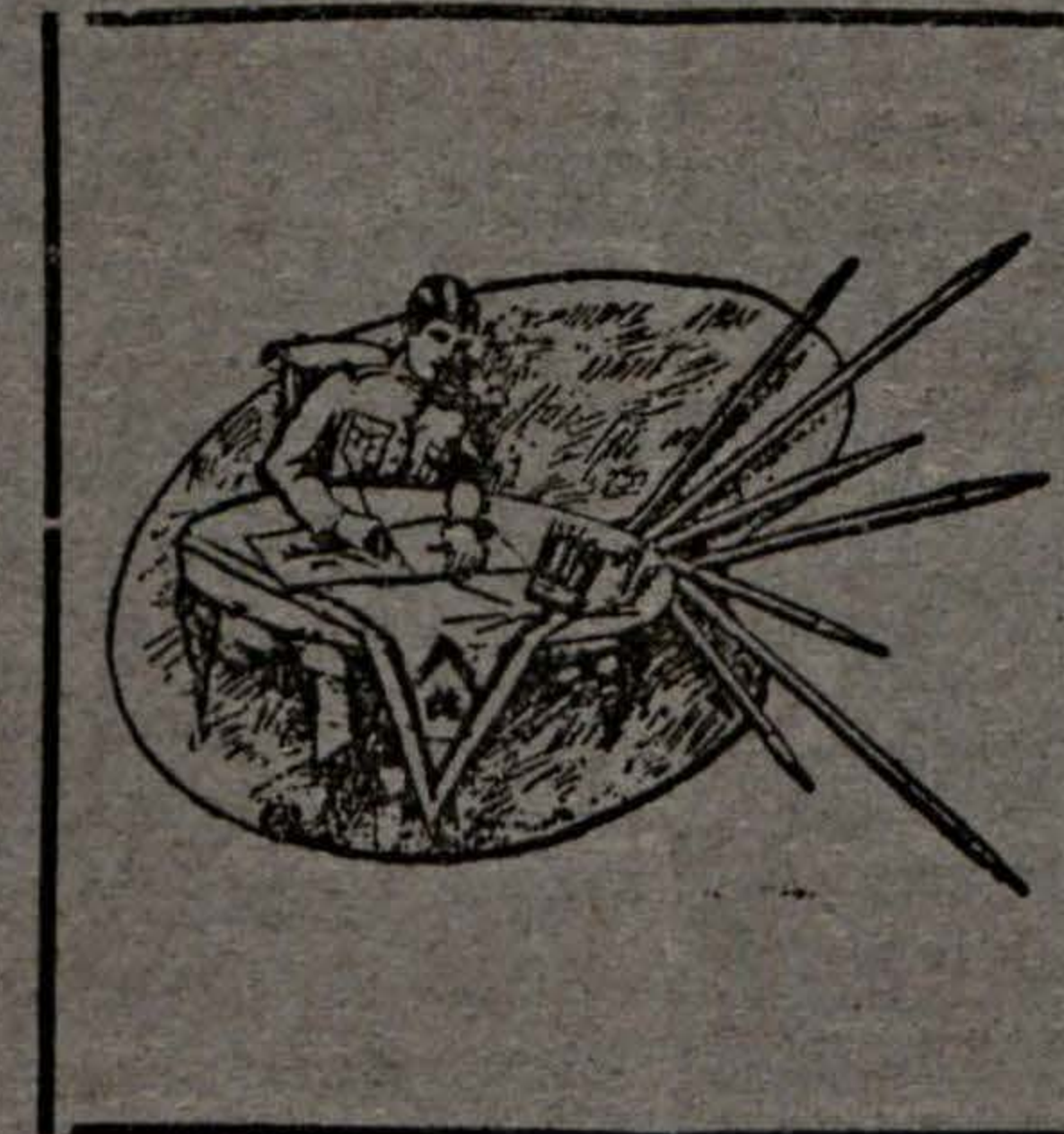
TELS. } 22-3552  
      } 22-3353

**FERREIRA DE MATTOS & CIA.**

TELS. } 28-0722  
      } 28-7892

Grande e variado sortimento de artigos de  
PAPELARIÃ — LIVRARIA — PINTURA E DESENHO

Os distintos Estudantes encontrarão sempre na CASA MATTOS os artigos de melhores qualidades por preços sem competidores



Prefiram sempre as nossas afamadas marcas: "ACADEMICO", "FERRARTE" e "INFANTIL". Cadernos "EDUCATIVO" com mappas do Brasil — e Planisferio —

SÃO AS MELHORES EM QUALIDADE E PREÇOS

# EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados. Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO S. PAULO BELLO HORIZONTE  
 Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero adaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

## HILARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$900

## THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia.....	\$700
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

## EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1.º Livro de Leitura.....	2\$00 <sup>0</sup>
2.º Livro de Leitura.....	2\$50 <sup>0</sup>
3.º Livro de Leitura.....	3\$00 <sup>0</sup>
4.º Livro de Leitura.....	4\$00 <sup>0</sup>
5.º Livro de Leitura.....	4\$00 <sup>0</sup>

## SERIE PUIGGARI-BARRETO

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

## ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães.....	1\$200
Cartilha Analitica.....	2\$000
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

## FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura...	1\$50 <sup>0</sup>
Cartilha.....	2\$00 <sup>0</sup>
Leitura preparatoria.....	2\$50 <sup>0</sup>
1.º Livro de Leitura.....	2\$50 <sup>0</sup>
2.º Livro de Leitura.....	3\$00 <sup>0</sup>
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

## JOÃO KOPKE

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

## D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

## D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

## JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos.....	5\$00 <sup>0</sup>
Selecta Classica.....	6\$000

## ASSIS CINTRA

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

## O. BILAC e M. BOMFIM

Atravez do Brasil.....	5\$000
Leitura complementar.....	5\$000
Livro de composição.....	4\$000

## CARMEN GILL

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

## ALTINA DE FREITAS

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

## ANNA CINTRA

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

## A. JOVIANO

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

## MARIA DO CARMO P. NEVES

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem—(6.º e 7.º annos).....	4\$000

## MANOEL BOMFIM

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

## E. DE AMICIS

Coração.....	4\$000
--------------	--------

## AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

## BILAC e C. NETTO

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

## ALBERTO DE OLIVEIRA

Céo, Terra e Mar.....	4\$000
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil